O TEA E SUA INCLUSÃO NAS ESCOLAS

ADRIANA SANT`ANA CAFÉ

RESUMO
O objetivo deste artigo é propor elementos que permitam a construção do melhor interesse da criança no contexto educacional, mas especificamente no contexto das necessidades educacionais especiais decorrentes do transtorno do espectro autista. O TEA, em termos gerais, consiste em um transtorno do neurodesenvolvimento que envolve certos padrões de comportamento, deficiências persistentes na comunicação e interação social, padrões de comportamento restritivos e repetitivos, que influenciam o funcionamento normal. Tudo isso frequentemente gera dificuldades de aprendizagem que se materializam em necessidades educacionais especiais, que exigem atenção especial do corpo docente do estabelecimento de ensino, pois podem causar atrasos na obtenção de resultados de aprendizagem, como leitura ou escrita. O exposto está em harmonia com a indeterminação inerente ao princípio do melhor interesse da criança, que permite sua construção para cada caso específico, como veremos em breve. Devemos ter em mente que, para alcançar o direito à educação, não podemos ignorar os processos de aprendizagem que justificam a educação, pois os processos de aprendizagem são inerentes às pessoas, mas também podem ser desenvolvidos e estimulados por meio da estrutura cultural chamada educação. O fato de que o fundamento da educação seja a aprendizagem significa que a educação tem uma legitimidade ética, filosófica e científica inquestionável e é por isso que o direito à educação não só constitui uma garantia para a humanidade, mas também um fundamento para o desenvolvimento.

PALAVRAS-CHAVE: Ensino; Escrita; Leitura.

INTRODUÇÃO

A inclusão de alunos com Transtornos do Espectro Autista demanda teorias e estratégias educacionais que permitam uma resposta abrangente às suas necessidades de aprendizagem e motivações fundamentais, sob pena de prejudicar seu desenvolvimento cognitivo, emocional e volitivo.

Para realizar a avaliação diagnóstica do TEA, o DSM-V estabelece os seguintes critérios: déficits persistentes na comunicação e interação social; déficits na reciprocidade social e emocional; déficits em comportamentos de comunicação não verbal; déficits no desenvolvimento e manutenção de relacionamentos adequados ao nível de desenvolvimento; padrões de comportamento, interesses ou atividades restritos e repetitivos; e outras características relacionadas à falta de interesse social, reatividade e pouca imitação. Destaca ainda que o nível de adaptação a diferentes contextos da criança com essas características será uma informação fundamental para tornar o diagnóstico eficaz (AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION, 2013).

A importância da utilização desses critérios para o diagnóstico de TEA em todo o mundo é indiscutível, visto que eles geram consenso nas comunidades científica e clínica.

Os transtornos do espectro autista e os transtornos globais do desenvolvimento abrangem um amplo grupo de transtornos cognitivos e neurocomportamentais que incluem características definidoras centrais de socialização prejudicada, padrões de comportamento restritos e repetitivos e comunicação verbal e não verbal alterada. Essas áreas implicadas representam limitações para crianças com transtorno do espectro autista (TEA) que, quando não tratadas, prejudicam sua aprendizagem e inclusão escolar.

A inclusão educacional deve ser entendida como um equilíbrio entre aprendizagem de qualidade e desempenho acadêmico condizente com as habilidades do aluno, garantindo uma aprendizagem significativa para todos. Nesse sentido, é importante compreender os problemas enfrentados por crianças com TEA, bem como as intervenções de saúde que abordam essas dificuldades e melhoram seu desempenho, a fim de garantir uma aprendizagem adequada na escola.

Embora um aspecto que impacte significativamente a evolução das crianças com TEA seja o diagnóstico e tratamento precoces, o reconhecimento das características dessas crianças fora do contexto clínico ainda é tardio, situação que dificulta a utilização das possibilidades de intervenção oferecidas pela neuroplasticidade nos primeiros anos de desenvolvimento.

Pesquisas determinaram que crianças e adultos com TEA constituem um grupo diverso, cujas necessidades variam ao longo da vida, tanto em termos de avaliação quanto de intervenção; portanto, uma avaliação cuidadosa é necessária para determinar os serviços mais adequados individualmente (4). Por esse motivo, a intervenção precoce, abordando as características individuais de cada criança com TEA e de sua família, antes que a criança frequente a escola, é essencial para o desenvolvimento de habilidades que facilitem um melhor desempenho no ambiente escolar e alcancem a inclusão.

O autismo envolve diversas áreas do desenvolvimento e é importante que uma equipe multidisciplinar participe de sua detecção e intervenção precoces, promovendo, dessa forma, o apoio psicológico aos pais e a integração da criança à escola e ao seu ambiente. No desenvolvimento de estratégias que visem facilitar o desempenho de crianças com TEA, é necessária a participação precoce de diversos profissionais e o estabelecimento de uma cultura de diálogo contínuo, constante e fluido entre eles.

A INCLUSÃO ESCOLAR DE ALUNOS COM TEA A PARTIR DA CONCEPÇÃO HISTÓRICO-CULTURAL DE VYGOTSKY

Lev Semyonovich Vygotsky (1886-1934) ocupa um lugar de destaque na história da psicologia devido à originalidade e à perspicácia de seu pensamento nos campos da educação e do desenvolvimento integral da personalidade. Suas inúmeras contribuições, ao longo de sua curta vida, ofereceram uma abordagem integrativa para a compreensão da atividade cognitiva, afetiva e volitiva humana em um momento histórico caracterizado por uma profunda crise nas ciências psicológicas, em que o reducionismo estava em pleno vigor.

Suas principais ideias permanecem relevantes hoje e se estendem a diversos ramos do conhecimento e da atividade social, especialmente às transformações na educação que ocorrem em diferentes países para acompanhar o desenvolvimento social contemporâneo. No entanto, pode-se dizer que suas contribuições teóricas atingem seu ápice em pedagogias inclusivas que assumem a responsabilidade social de educar crianças com necessidades educacionais especiais.

Atualmente, a educação inclusiva é entendida por Ainscow (2015) como um processo criativo e inovador cujo propósito fundamental é promover a presença, a aprendizagem significativa e a participação ativa de todas as crianças na educação regular, particularmente aquelas que correm o risco de serem excluídas devido à sua forma de interagir com os outros ou devido às suas características biológicas ou sociais. Ora, a ideia de um modelo educacional que colocasse uma barreira em torno da exclusão não é uma questão nova; sem ser absoluto, pode-se dizer que, se alguém teve um pensamento claro nesse sentido, foi Vygotsky.

A transformação da educação foi concebida por Vygotsky no início do século XX. A esse respeito, referindo-se apenas à educação de pessoas com deficiência, ele afirmou:

> Aqui, elas não apenas não se desenvolvem, mas atrofiam sistematicamente as forças da criança... Esta escola aumenta a psicologia do separatismo; em sua totalidade, é antissocial e fomenta um espírito antissocial. Somente uma reforma radical de toda a educação em geral oferece uma saída. (VYGOTSKY, 1995, p. 98).

Dessa forma, poderíamos dizer que Vygotsky foi um precursor da educação inclusiva ou, se preferir, um dos primeiros pensadores dispostos a caminhar em direção à integração.

No âmbito da educação inclusiva, as pessoas com TEA continuam a demandar estratégias psicopedagógicas que possibilitem a estimulação adequada do seu desenvolvimento psicossocial o mais precocemente possível, de modo a tentar orientar o curso do seu comportamento restrito e estereoti-

pado para uma trajetória de desenvolvimento mais adaptativa e funcional (ADAMS, ET AL., 2019).

O TEA é uma anomalia do neurodesenvolvimento de prevalência crescente que causa alterações persistentes em áreas fundamentais do desenvolvimento, como: reciprocidade social, comunicação verbal e extraverbal, comportamento e interesses. A implementação de práticas inclusivas em estabelecimentos educacionais teria que considerar essas características desenvolvimentais. Portanto, é necessário promover um conjunto de ações para combater as barreiras e mecanismos que impedem a promoção de uma cultura que facilite a implementação dessas práticas e, assim, favoreça o desenvolvimento e o bem-estar dessas crianças.

Nesse sentido, a utilização da abordagem histórico-cultural poderia contribuir para o alcance desse objetivo, pois, ao se pautar em uma posição integradora do desenvolvimento humano, oferece a possibilidade de abordar de forma holística as especificidades dos comportamentos autistas em diferentes contextos (escolar, familiar e comunitário).

Compreender "a história do desenvolvimento cultural da criança normal e anormal como um processo único por sua natureza e diferente por sua maneira de ocorrer" (VYGOTSKY, 1987 , p.106), é uma excelente base para trabalhar na área educacional com pessoas com TEA, pois não estigmatiza sua condição neurobiológica e considera seu desenvolvimento como um processo.

A teoria da aprendizagem e do desenvolvimento de Vygotsky influenciou particularmente diversas áreas da psicologia evolucionista (pensamento e linguagem, a unidade do cognitivo e do afetivo, etc.). Seu axioma fundamental é que aspectos sócio-históricos determinam a configuração da psique humana. Essa perspectiva evolucionista orientou as diferentes variantes de sua análise genética (genética comparativa e método experimental-evolucionista), apontando que o comportamento humano só pode ser compreendido pelo estudo de suas fases e dos múltiplos movimentos que o compõem, ou seja, sua história.

Nessa perspectiva, as peculiaridades da estrutura psíquica dos indivíduos só podem ser compreendidas considerando-se a maneira e o momento de sua intervenção durante o desenvolvimento. Portanto, a psique humana evolui gradualmente ao longo do tempo, e a chave para a compreensão das eventuais singularidades dessa evolução reside na vida sociocultural dos seres humanos desde seus primeiros movimentos no mundo (CARRERA & MAZZARELLA, 2001).

Para estudar os processos que dão origem à subjetividade humana, Vygotsky aplicou seu método de análise genética em quatro áreas fundamentais do desenvolvimento: a primeira era a área filogenética, que abrangia a formação complexa de funções psíquicas superiores exclusivas dos seres humanos; a segunda apontava para o desenvolvimento histórico-sociocultural, indicando sua influência e determinação na regulação do comportamento social; a terceira abrangia a parte ontogenética, momento em que duas linhas distintas de desenvolvimento (biológica e social) se justapõem, mas que atuam de forma dinâmica e simultânea; e, por fim, a área microgenética, que se refere às especificidades da formação dos processos psicológicos de curto prazo.

Dessa forma, Vygotsky buscou abordar o desenvolvimento cognitivo, afetivo e volitivo da criança de forma holística, distanciando-se das posições reducionistas que dominavam a psicologia de sua época. Com suas contribuições, o estudo do desenvolvimento humano passou a ser analisado de forma abrangente e dinâmica, onde todas as funções psicológicas superiores eram produto do desenvolvimento social, e não do desenvolvimento biológico, embora este último constitua a base para a multiplicação e formação de seu caráter social.

Essa visão holística do desenvolvimento pode contribuir para a detecção e a compreensão das motivações fundamentais de indivíduos com TEA. Apesar das múltiplas mudanças na avaliação diagnóstica e no tratamento, na prática, o diagnóstico e o cuidado do TEA ainda são permeados por essa visão tradicional, ancorada em uma concepção biológica do desenvolvimento psicológico, marcada por uma forte tendência à rotulação. De uma perspectiva vygotskyana, essa aborda-

gem dificulta uma análise abrangente, pois pressupõe que cada indivíduo é único e irrepetível, revelando as características de seu desenvolvimento pessoal em um momento histórico e cultural específico.
Na perspectiva vigotskiana, pensar apenas na adaptação da criança em diferentes contextos como o problema principal não contribui para o desenvolvimento de suas potencialidades por meio da ação educativa. Além disso, não leva em consideração o contexto comunitário para o desenvolvimento da socialização e a necessidade de educar socialmente a criança, a família e a comunidade para uma interação comunicativa e social adequada (AGUIAR ET AL., 2016).

Para Vygotsky, os fundamentos do nosso aparato neurobiológico e a ampla gama de fenômenos sociais que caracterizam nossa vida em comunidade estavam intimamente relacionados e marcados por um desenvolvimento dialético no qual os aspectos sociais acabam se tornando decisivos e determinantes. Essa relação dinâmica, que em certos períodos do desenvolvimento percorreu caminhos paralelos, ganhando força e uma singularidade especial em sua complexa união, dá lugar à formação das funções psíquicas superiores características do ser humano. Assim, para Vygotsky, "...o sujeito humano ao nascer herda toda a evolução filogenética, mas o produto final do seu desenvolvimento dependerá das características do meio social em que vive" (VYGOTSKY, 1989, p. 57).

Consequentemente, os processos psíquicos superiores são uma categoria resultante da inter-relação entre o biológico e o social. Ou seja, o desenvolvimento do psiquismo de uma pessoa e as especificidades que a tornam um ser único e irrepetível são condicionados pelo desenvolvimento e pelas qualidades da estrutura orgânica, que refletem as condições socioculturais em que se formam. Por essa razão, a subjetividade humana abrange as particularidades do mundo que a cerca, mantendo-se autônoma.
Ora, se os diferentes aspectos da atividade psíquica são produto de uma evolução filogenética e ontogenética determinada pelo desenvolvimento social, no caso de crianças com TEA, é necessário mencionar que as anomalias estruturais do desenvolvimento neurológico afetam a função sináptica e o padrão de conexão dos circuitos cerebrais, limitando em proporções variáveis a apropriação da experiência social em períodos sensíveis do desenvolvimento, o que ocasiona o amplo espectro de características típicas de pessoas autistas em relação às funções psíquicas superiores.
Essa forma de compreender o desenvolvimento humano é um excelente ponto de partida teórico para métodos de ensino inclusivos que buscam aprimorar a educação integral de crianças com TEA. Em outras palavras, não se trata de abordar superficialmente ou minimizar as condições biológicas, que constituem uma inquestionável força problematizadora no TEA, mas sim de partir da ideia de que nenhuma herança é fatal e que, com o apoio social adequado, o curso das habilidades cognitivas e emocionais pode ser modificado em direção a uma trajetória mais adaptativa.
Dentro dos postulados da abordagem histórico-cultural, a integração dos processos cognitivos e afetivos em formas complexas de organização da personalidade humana assume especial relevância. Pensar essa unidade como um processo dialético permite a Vygotsky destacar a importância de superar:

A análise metafísica isolada do intelecto e do afeto como essências independentes, reconhecendo sua conexão e unidade internas, e libertando-se da perspectiva da relação entre intelecto e afeto como uma dependência unilateral e mecânica do pensamento e do sentimento. (VYGOTSKY, 1989, p. 227).

Dessa forma, Vygotsky concede ao desenvolvimento do intelecto e do afeto uma interdependência de natureza processual que constitui parte substancial na configuração da personalidade da criança, a qual não deve captar a atenção das ciências psicológicas como unidades constituintes que se organizam e potencializam separadamente, mas como um processo que dá origem a formas complexas de organização. À luz da neurociência, essa unidade indissolúvel dos

processos cognitivos e das emoções tem sua base em associações dinâmicas que envolvem diferentes áreas e conexões cerebrais, nenhuma das quais deve ser conceituada como especificamente afetiva ou cognitiva (PESSOA, 2008).

A unidade do cognitivo e do afetivo, como princípio vigotskiano, é evidente na personalidade de crianças com autismo. O TEA é um transtorno do neurodesenvolvimento que compromete o uso da cognição e das emoções em graus variados na aprendizagem e na interação. Por exemplo, indivíduos autistas têm dificuldade em decodificar os estados emocionais dos outros e em oferecer uma resposta empática às suas experiências. Essas dificuldades não são apenas cognitivas ou afetivas; o aspecto cognitivo tem implicações emocionais, e vice-versa; problemas emocionais têm implicações cognitivas.

Para Vygotsky, ensino e desenvolvimento estavam inter-relacionados, mas ele enfatizou em seus escritos que o ensino direciona, guia e potencializa o desenvolvimento. Ao colocar o ensino como a força motriz do desenvolvimento, ele transforma a educação em uma ferramenta promissora que fomenta a colaboração e o trabalho multidisciplinar.

Com base nessa concepção, é possível afirmar que o ensino se torna uma verdadeira ferramenta de aprimoramento quando antecipa estrategicamente o desenvolvimento. Nesse sentido, Vygotsky (1987) considera que:

A educação é o domínio engenhoso dos processos naturais do desenvolvimento, ela não apenas influencia alguns ou outros processos de desenvolvimento, mas também reestrutura, da maneira mais essencial, todas as funções comportamentais. (p. 237).

É muito mais relevante e transcendental focar nos aspectos psicológicos e pedagógicos que enriquecem e potencializam o desenvolvimento do aprendiz, em vez de ser teimoso sobre o que ele faz ou deveria fazer para atender aos padrões da cultura em um momento histórico específico.

Nessa perspectiva, o papel das escolas inclusivas como agência suprema de socialização e, especialmente, como mandato disciplinar dos educadores, torna-se crucial para o desenvolvimento cognitivo, afetivo e volitivo de indivíduos com TEA. Isso porque rejeita a premeditação fatalista do desenvolvimento e prioriza a utilidade da interação social como estratégia de crescimento pessoal. Em outras palavras, as escolas inclusivas devem se concentrar em destacar e explorar o potencial de desenvolvimento dos alunos autistas, e não em reforçar, por meio de práticas inadequadas, os déficits persistentes que os impedem de interagir com os outros. Dessa forma, Vygotsky nos aproxima de um problema bastante atual. Se partirmos do pressuposto de que o elemento social é determinante na formação da personalidade e do papel do ensino no desenvolvimento, então podemos compreender que o curso da criança com TEA não é apenas matizado pelas alterações qualitativas inerentes à sua condição neurobiológica, mas também depende, em grande parte, da capacidade dos estabelecimentos de ensino e dos educadores de lhes proporcionar um atendimento de qualidade, com oportunidades de desenvolver as habilidades sociais necessárias que lhes permitam interagir e se incorporar autonomamente às diferentes atividades educacionais e comunitárias.

S DESAFIOS DA EDUCAÇÃO ESPECIAL

Por muitos anos, a educação especial apresentou diferentes desafios na educação. Estes dificultam a didática pedagógica em relação à formação profissional que um professor deve ter ao incorporar mudanças e enfrentar o desafio dentro da sala de aula.

Existem muitos obstáculos para gerenciar a questão da integração e desenvolvimento da inclusão educacional. Diante disso, as dificuldades e barreiras que os professores encontram devem ser gerenciadas pelo sistema educacional em conjunto com instituições especializadas e não especializadas.

A UNESCO (2020a) estabelece que, para manter um ritmo positivo e participativo na sala de aula, as atividades incluem apoiar o acesso e a continuidade no sistema educacional, especialmente para pessoas com deficiência e condições especiais, alinhando

uma estrutura adequada e de alta qualidade que lhes permita as capacidades e competências. Além disso, a organização destaca que há muitos desafios que devem ser enfrentados, como diferentes interpretações da palavra inclusão, falta de apoio dos professores, ausência de dados sobre os excluídos da educação, infraestrutura inadequada, persistência de sistemas paralelos e escolas especiais, falta de vontade política e apoio da comunidade, financiamento não direcionado, governança descoordenada, leis e políticas múltiplas, mas inconsistentes, que não estão sendo aplicadas (UNESCO, 2020a). Portanto, o papel dos professores é vital para enfrentar os desafios impostos pela situação atual, por isso é importante considerar que os padrões de formação são a base da educação inclusiva. Os educadores desempenham um papel decisivo no ambiente educacional global, uma vez que os professores são capazes de implementar o processo educacional em alto nível e formar um conjunto de conhecimentos, habilidades e competências necessárias em uma criança com problemas, mas também de ajudá-la a se adaptar à sociedade e a fazer contato com o mundo exterior e aqueles ao seu redor. Quando se trata de inclusão, o mais importante é fazer mudanças na formação de professores, com o objetivo de melhorar os marcos regulatórios e abrir novos padrões de inclusão.

Entretanto, há uma urgência em relação à inclusão, exigindo que governos e instituições implementem medidas e deem mais atenção à importância e ao significado da formação de professores para a participação e integração de alunos, independentemente de suas condições ou necessidades, a fim de promover e melhorar a qualidade da educação. Apesar dos múltiplos esforços dos sistemas educacionais para integrar cursos sobre educação inclusiva ou necessidades educacionais especiais, as barreiras sociais persistem. Para tanto, é importante empregar o desenvolvimento de programas de formação de professores ou métodos colaborativos para formar professores com necessidades educacionais, com foco em tópicos específicos, vínculos, marcos legais e regulatórios nacionais, organização e formação (UNESCO, 2020b).

Enquanto isso, os países latino-americanos precisam mostrar seu reconhecimento de desenvolvimentos importantes na educação, com foco na diversidade que as instituições e salas de aula oferecem aos alunos. Mudanças positivas levaram a mudanças sociais e educacionais positivas, particularmente em lugares onde a pobreza e os poucos recursos existem, uma manifestação da desigualdade que afeta toda a região. Portanto, a importância dos desafios, acesso e qualidade é abordada. Os educadores estão no centro desse interesse em atenção e inclusão, uma vez que a sala de aula é um espaço de excelência onde os alunos encontram uma resposta educacional ao seu estilo de vida e aprendizagem. Em outras palavras, os professores têm a responsabilidade de integrar seus alunos em um espaço que responda à diversidade em que se encontram, além de permitir que eles cresçam e aprendam.

No Brasil, a atenção à diversidade e inclusão que é desenvolvida nas salas de aula está focada nos princípios da educação para garantir que todos, independentemente de suas condições. Dentro da realidade peruana, a ideia de educação inclusiva não é bem definida, às vezes é um pouco vaga e, às vezes, pode gerar uma série de confusões e complicações; em conjunto com o desenvolvimento docente, nem todos têm o conhecimento complexo deste assunto. De uma perspectiva de inclusão e atenção à diversidade, problemas no sistema podem ser identificados, por exemplo, os professores não são suficientemente treinados para atender às necessidades dos alunos e das organizações para o processo de inclusão, tanto no nível organizacional quanto no de sala de aula, parte das causas devido a recursos e treinamento de professores insuficientes.

Parte dos desafios que a educação enfrenta é promover a participação e a integração equitativas dos alunos, independentemente de suas circunstâncias. A profissão docente precisa ser abordada a partir de uma perspectiva social, a fim de melhor compreender seus métodos de ensino e estratégias pedagógicas. O desenvolvimento profissional dos professores deve ser empregado desde o início para promover uma melhor compre-

ensão do conhecimento científico e cultural e estabelecer estruturas disciplinares. A capacidade do professor de desenvolver um senso de inclusão demonstrará a capacidade do sistema educacional de se alinhar a questões inclusivas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O uso do TEA (Transtorno do Espectro Autista) nas escolas é um tema de extrema importância e relevância atualmente. O TEA é uma condição neurológica que afeta a maneira como uma pessoa se comunica e interage com os outros, bem como como ela experimenta o mundo ao seu redor. Na sala de aula, é fundamental que os educadores estejam preparados para compreender e atender às necessidades dos alunos com TEA, a fim de garantir um ambiente inclusivo e acolhedor para todos os estudantes.

É essencial que as escolas adotem práticas pedagógicas inclusivas, que considerem a diversidade de habilidades e necessidades dos alunos com TEA. Isso pode envolver a implementação de estratégias de ensino diferenciadas, o uso de recursos visuais, a adaptação do ambiente físico da sala de aula e a promoção de uma comunicação clara e direta.

Além disso, a colaboração entre educadores, profissionais de saúde e familiares é fundamental para garantir o sucesso acadêmico e social dos alunos com TEA. O apoio e a compreensão de todos os envolvidos são essenciais para criar um ambiente que promova o bem-estar e o desenvolvimento pleno desses estudantes.

Ao reconhecer e valorizar a singularidade de cada aluno com TEA, as escolas podem proporcionar experiências educacionais enriquecedoras e significativas, contribuindo para a construção de uma sociedade mais inclusiva e igualitária. A educação escolar deve ser um espaço onde todos os alunos sintam-se respeitados, acolhidos e capacitados a atingir seu pleno potencial, independentemente de suas diferenças.

REFERÊNCIAS

ADAMS, D., MACDONALD, L., & KEEN, D. (2019). Respostas de professores a comportamentos relacionados à ansiedade em alunos com autismo. Pesquisa em Deficiências do Desenvolvimento, 86, 11-19.

AGUIAR, G., MAINEGRA, D., GARCÍA, O., & HERNÁNDEZ, Y. (2016). Diagnóstico em crianças com transtornos do espectro do autismo e seu desenvolvimento na compreensão de textos. Revista de Ciências Médicas de Pinar del Río, 20 (6), 63-71.

AINSCOW, M. (2015). Lutas pela equidade na educação: obras selecionadas de Mel Ainscow. Routledge.

ASSOCIAÇÃO PSIQUIÁTRICA AMERICANA. (2013). Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais, Quinta Edição. Associação Psiquiátrica Americana.

CARRERA, B. E MAZZARELLA, C. (2001). Vygotsky: abordagem sociocultural. Educere, 5(13), 41-44.

PESSOA, L. (2008). Sobre a relação entre emoção e cognição. Nature Reviews Neuroscience, 9(2), 148-158.

RIVIÉRE, Á. (1997). O tratamento do TEA como transtorno do desenvolvimento em O tratamento do TEA. Novas perspectivas. Instituto de Migração e Serviços Sociais.

UNESCO (2020a). Relatório de Monitoramento da Educação Global 2020: Inclusão e educação: todos, sem exceção. Disponível em: https://doi.org/10.54676/WWUU8391. Acesso em 23 ago.2025.

UNESCO (2020b). Formação de professores para a inclusão: cinco países em três continentes. Disponível em: https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000373804. Acesso em 24 ago.2025. VYGOTSKY, L. (1987). História do Desenvolvimento das Funções Psíquicas Superiores. Técnica Científica.

VYGOTSKY, L. (1989). Fundamentos de Defectologia. Obras Completas, Volume V. Pessoas e Educação.

VYGOTSKY, L. (1999). Ferramenta e signo no desenvolvimento da criança. Obras Completas de L. S. Vygotsky, Vol. 6. Kluwer Acade-

mic/Plenum Publishers.

VYGOTSKY, L. (2006). Interação entre aprendizagem e desenvolvimento. In A.L. Segarte, compilador. Psicologia do desenvolvimento escolar. Leituras selecionadas. (pp. 45-60). Félix Varela.